

O Espaço Amazônico no romance *Três Casas e um Rio*, de Dalcídio Jurandir

The Amazonian Space in Dalcídio Jurandir's novel Three Houses and a River

Fancliene de Sousa Batista¹

Resumo: O escritor brasileiro Dalcídio Jurandir nasceu em 1909 no estado do Pará. Sua literatura retrata a vida e a cultura dos habitantes da Amazônia e é considerada um dos maiores representantes da literatura amazônica. Um de seus livros mais conhecidos, *Três Casas e Um Rio*, foi publicado em 1958 e conta a história de uma família que vive às margens do rio Guamá, no interior do Pará. A obra é uma história emocionante que mostra a relação dos personagens com a natureza e a vida na Amazônia, bem como as dificuldades que enfrentam para sobreviver em um ambiente tão hostil. O autor é um importante escritor paraense, conhecido por suas obras que retratam a vida e a cultura da região amazônica. Em Belém, o espaço amazônico enriqueceu suas histórias e personagens. Seus livros são viagens pela riqueza cultural e natural da Amazônia.

Palavras-chaves: Amazônia; Dalcídio Jurandir; Três casas e um rio.

Abstract: Brazilian writer Dalcídio Jurandir was born in 1909 in the state of Pará. His literature portrays the life and culture of the inhabitants of the Amazon and is considered one of the greatest representatives of Amazonian literature. One of his best-known books, *Três Casas e Um Rio*, was published in 1958 and tells the story of a family living on the banks of the Guamá River, in the interior of Pará. The work is a moving story that shows the characters' relationship with nature and life in the Amazon, as well as the difficulties they face surviving in such a hostile environment. The author is an important writer from Pará, known for his works that portray the life and culture of the Amazon region. In Belém, the Amazonian space has enriched his stories and characters. His books are journeys through the cultural and natural richness of the Amazon.

Keywords: Amazonia; Dalcídio Jurandir; Three houses and a river.

¹ Mestra em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia; E-mail: fan_liene@hotmail.com ; Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-4267-6900>

Introdução

Dalcídio Jurandir é um escritor brasileiro nascido em 1909, no estado do Pará. Ele é considerado um dos maiores representantes da literatura amazônica e suas obras retratam a vida e a cultura dos habitantes da região. *Três Casas e Um Rio* é um de seus livros mais conhecidos, publicado em 1958, que conta a história de uma família que vive às margens do rio Guamá, no interior do Pará. A obra é uma narrativa emocionante e envolvente que retrata a relação dos personagens com a natureza e com a vida na Amazônia, mostrando os desafios enfrentados por eles para sobreviver em um ambiente tão adverso.

O autor é um dos mais importantes escritores paraenses, conhecido por suas obras que retratam a vida e a cultura da região amazônica. Em Belém, cidade onde nasceu e viveu grande parte de sua vida, o espaço amazônico foi uma fonte inesgotável de inspiração para suas histórias e personagens. Seus livros são uma verdadeira viagem pela riqueza cultural e natural da Amazônia.

A cidade de Belém no livro *Três casas e um rio* é descrita como um lugar pitoresco e cheio de vida. O rio que corta a cidade é o famoso Rio Guamá, que oferece belas paisagens e é importante para a economia local, utilizado para transporte de mercadorias e pesca. Além disso, as três casas mencionadas no livro são emblemáticas e representam a história e cultura da região amazônica.

No presente trabalho, abordarei a relevância da natureza como um espaço revelador ao imaginário da região amazônica. No entanto, esse imaginário ocorrerá somente ao redor de homem e natureza, apesar de não ter contato com a capital, cria sua própria cultura, que está vinculada ao mundo simbólico em que se vive.

Assim, a relação entre o homem e elementos naturais, como o rio e a floresta, será mostrada neste trabalho, uma vez que são esses espaços em que ele vive e convive, pois além de ser o ambiente em que ele reside, é também o lugar em que busca manter sua sobrevivência, e é precisamente dessa relação que o imaginário é criado por ele.

O leitor lerá a Amazônia até então desconhecida pelos brasileiros através do conjunto das obras do autor, o que nos permite fazer uma viagem à Cachoeira do Arari, ambiente principal dos romances, e conhecer seus costumes, seu imaginário, sua cultura, sua dificuldade. Nesse arranjo, Neide Gondim revela uma Amazônia encoberta, dialogando então com o espaço romanesco de Dalcídio.

1 O Espaço Amazônico de Neide Gondim a Dalcídio Jurandir

A ocupação histórica da Amazônia desafia os estudiosos e é uma área controversa para aqueles que buscam certezas. Sua história é anterior à chegada dos europeus, e relatos orais e escritos de viagens revelam que a região foi "descoberta" pelos portugueses. A localização é objeto de opiniões conflitantes; para alguns, manifesta-se como um inferno real, enquanto para outros, é o paraíso perdido.

O nome de sua obra, *A Invenção da Amazônia*, refere-se à origem e ocupação de uma Amazônia coberta. A autora discute as diversas perspectivas sobre a região amazônica a partir da teoria literária, destacando e criticando as políticas de apropriação. Segundo Mafra (2012, p. 220), essa "invenção" é construída por um olhar de fora para dentro. Uma visão que vê a área como uma magnífica floresta tropical, mas ignora ou desumaniza a pessoa que ali vive.

O livro aborda a representação da Amazônia na literatura europeia, desde as primeiras crônicas de viajantes até a ficção contemporânea. A autora analisa como a região é vista pelos europeus e como isso influencia na construção de estereótipos e mitos sobre a Amazônia. Além disso, o livro traz reflexões sobre a relação entre literatura e poder, destacando como a representada pelos ficcionistas europeus, para a autora.

[...] a Amazônia não foi descoberta, sequer foi construída; na realidade, a invenção da Amazônia se dá a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana, pelo relato dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes (Gondim, 1994, p. 9).

Assim a autora mostra ao leitor a versão histórica da Amazônia desde a Idade Média, época na qual viviam submissos à Igreja Católica, sendo o homem o principal condutor de todo questionamento durante esse período, aonde o conhecimento e a curiosidade tornavam-se grandes aliados para novas conquistas e avanços mercantis.

A Bíblia, como bússola dessa época, deixava claro que, conforme a teoria de gênese, existira um local perfeito criado por Deus para o homem, no qual por desobediência fora expulso, um jardim com grandes árvores, intocável, um paraíso, acreditava-se em uma unidade racial, ou seja, todos descenderiam de Noé, um só povo.

Seguindo esse raciocínio e as mais inusitadas histórias de personagens bestiais, lendários e encantados como a existência de uma fonte da juventude, um local habitado por mulheres independentes e guerreiras, as Amazonas, e a principal de todas denotava um local

onde havia muito ouro, um vale de riquezas incontáveis, esses escritos deram margens para muitos homens se aventurarem para esse espaço exótico denominado por Vespucci como *Mundus Novus*¹. “A variedade e a quantidade de animais que viu na zona tórrida é o mote para ironizar as Escrituras e os teólogos, *que creio com dificuldade tantas espécies entrariam na Arca de Noé.*” (Gondim, 1994, p. 49). A visibilidade de Vespucci quanto às descrições bíblicas o fizeram questionar a teoria cristã. Para Gondim “A existência do antimundo revelada pelas viagens ultramarinas destacou a ignorância em que estivera mergulhado durante séculos o conhecimento do homem” (Gondim, 1994, p. 37). Homem esse que estava acostumado com sua sociedade, no qual se intitula superior.

O avanço da expansão marítima e do conhecimento, eleva os portugueses a categoria de iniciantes nessa trajetória, tendo a Espanha na segunda posição, iniciando após quase um século de atraso na corrida marítima.

A competição para o descobrimento de novas terras se deu pelo empobrecimento dos recursos como trigo, madeira e a existência das pestes, acirrando a chegada entre Holanda, Inglaterra, França, Espanha e Portugal (Gondim, 1994, p. 17). De qualquer forma, as ações europeias não permeavam apenas conhecimento e sim domínio das riquezas.

A literatura Amazônica é predisposta por alguns narradores como um lugar imagético, rico em detalhes sobre sua fauna e flora, enquanto os personagens são pessoas simples que vivenciam a vida de maneira retrógrada, geralmente indígenas desculturados. Para Bakhtin,

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados* (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo de atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo, não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo de comunicação (Bakhtin, 2003, p. 262).

Nesses espaços linguísticos aonde a natureza amazônica se sobressai é repassada uma síntese de amedrontamento, animais selvagens e comunidades canibais que executam seus inimigos com facilidade, essas representações são associadas desde as primeiras levadas que trouxeram os aventureiros e pesquisadores para as paragens amazônicas.

As primeiras histórias contadas sobre o (des)cobrimento de novas terras nomearam-na como Novo Mundo ou Antimundo, tais nomenclaturas evidenciavam o distanciamento entre a civilização e a bestialidade, induzindo lados que eram opostos, enquanto uma indicava novidade e outra apresentava o atraso.

Dois viajantes que divergem sobre a comunidade indígena são Colón e Vespucci, enquanto o segundo se intitula superior ao outro, vindo as Índias visando ver e recolher amostras satisfatórias de ouro, pérolas e outras riquezas, descreve a guerra indígena sem causa e o nativo como antípoda. Já Cólón consegue visualizar a organização social em que a comunidade indígena vive, dando visibilidade sem desrespeitar, porém, a comparação entre sua sociedade e a do outro, deixa claro o seu conceito de europeização.

Ao longo de suas descrições, Vespucci vai modificando o teor de suas cartas, agora não vê a natureza e sim a comercialização dos bens como matéria-prima, os homens são seres desprezíveis, se mutilam, deitam entre si, são aberrações da natureza, as mulheres não incitam pureza, nem inocência e sim provocam e sensualizam os homens europeus que os justificam o ato sexual como pecado, a visão da Amazônia se distorce tornando europeizada. Neide Gondim descreve essa percepção da seguinte forma:

À proporção que as diversidades raciais e culturais se tornam presentes, o estrangeiro perde o referencial familiar, o paradigma norteador que lhe possibilitaria a compreensão do novo, instalando em seu lugar o estranhamento de tais costumes bárbaros, isolando-se, enquanto raça, de tais selvagens e afastando dali o local paradisíaco, bíblico, familiar. E o novo é o outro (Gondim, 1994, p. 54).

Esse pensamento é dissipado entre os europeus, suas visões e críticas subjagam o Outro como inferior por não reconhecer legalidade na sociedade indígena em comparação com a conhecida na Europa. Para Dussel, No conceito emancipador de Modernidade está encoberto um “mito” [...] Trata-se do “eurocentrismo” (1993, p. 17). Ou seja, aquilo que não é de conformidade com o costume europeu deve ser banido, descartado e injustamente aniquilado.

As diferentes narrativas contadas sobre o Novo Mundo nem sempre foram escritas por viajantes que se faziam presentes nas viagens, muitos deles reescreviam os relatos ouvidos por outros pesquisadores, como os historiadores Pietro Martire d’Anghiera e Gonzalo Fernández de Oviedo, este último tendo como descrição de seus escritos sua percepção com o “mundo recém-descoberto um complemento e não a antítese do Velho Mundo” (Gondim,

1994, p. 61). No entanto, apesar de seu enfoque considerando a fauna e a flora, tais autores não deixam de demonstrar suas finuras na perspectiva eurocentristas para Souza (2009, p. 19) a história da Amazônia é:

Um processo social entrecortado pelas relações sociais e de poder político de nove Estados-nação, de centenas de etnias, sem esquecer os diversos grupos sociais de interesse, de todos os tamanhos, nacionais e internacionais. Até agora uma história contada, de forma fragmentária, por gente da metrópole, por cientistas da América do Norte e da Europa.

Souza enfatiza a consequência que sofreu a Amazônia por essa diacronia apresentada nas falácias e escritas dos europeus, nas diversas cartas descritas sobre o Novo Mundo, as analogias que muitas vezes era recopiada dirigiam-se a temática com familiaridade, os cronistas e pensadores europeus não ficaram inertes, cada um expunha sua criticidade ao desconhecido.

Os pontos em comum das diversas cartas-relações que percorreram a Europa falavam do clima invariável, doce e primaveril, da unidade do ar, da enorme quantidade de insetos e répteis gigantes, dos metais preciosos, da flora magnífica e da falta de animais de porte grande como os africanos, das Amazonas, das guerras, da inexistência de pelos no corpo dos nativos, da antropofagia, da frigidez e/ou sensualidade, vigor e/ou debilidade do autóctone (Gondim, 1994, p. 64).

A invenção da Amazônia desmitifica o Estado e até mesmo a atuação da igreja católica, sendo a intenção real verificar o poderio mercantil do novo mundo, utilizando como pressupor catequizar os indígenas, como é descrito pela autora, “A visão de Rojas é também mercantilista. O olhar do padre vagueia pela natureza aquilatando o valor monetário ou mesmo as benesses de usufruto.” (Gondim, 1994, p. 91). O Estado e a Igreja deveriam atuar em conjunto, não se contradizendo, nem se opondo, coroa e fé em um só propósito, conquistar.

A colonização da Amazônia é descrita por Souza (2009) da seguinte maneira:

Foram tempos de conflito, de muito sangue derramado, em que um mundo acabou em horror e o outro começou a ser construído em meio ao assombro.

A Amazônia foi inventada nesse tempo, porque antes era a terra do verão constante, a terra em que se ia jovem e voltava velho, a terra do sem-fim, o mundo primevo da selva tropical e suas sociedades tribais, povoando densamente a várzea e espalhando-se pela terra firme (Souza, 2009, p. 65).

Vários cronistas se destacaram ao descrever o Novo Mundo, alguns reconheceram a legalidade da sociedade autóctone, como Montaigne, mas certamente o que obteve destaque foi Acuña que descreveu, em 1641, a obra intitulada *Nuevo Descubrimiento del Gran Río de las Amazonas* transcrevendo as histórias ouvidas e lidas de outros cronistas dando ênfase nas “maravilhas gratuitas oferecidas pela natureza” (Gondim, 1994, p. 99). Com uma certa coerência de informações, aliadas a sensibilidade de suas palavras, “fundindo o onírico com o científico da época” (Gondim, 1994, p. 102), ele enaltece o que acredita, ter encontrado o paraíso na terra.

Outro viajante de ênfase pela autora foi La Condamine, um padre Jesuíta que chegando ao Peru não se restringe em observar apenas sua linha de pensamento ele: “Alargou seus conhecimentos botânicos descrevendo, nomeando e enviando a Paris alguns artigos das matas peruanas” (Gondim, 1994, p. 107). Destacando-se na sua época e ainda na atualidade é reconhecida a sua precisão das coordenadas geográficas por ele elaborada.

O padre Jesuíta reluta em buscar semelhanças entre a linguagem dos indígenas, dando início a um estudo comparativo entre os vocábulos semelhantes das tribos em que tivera conhecimento. Para Safier, La Condamine ao apresentar seu texto, no qual foi entregue pessoalmente à Academia de Ciências de Paris, se apropria de,

Medidas astronômicas que se encontravam no texto junto a relatos míticos de florestas nevoentas, “encantados” palácios dourados e guerreiras ferozes e nuas. As descrições coloridas da flora e da fauna amazônicas presentes na Relation abrégée foram intercaladas com anotações de latitude e longitude, um modelo que prefigurava uma nova fórmula capaz de atrair um público amplo ao mesmo tempo, em que se conformava às expectativas rígidas de uma memória acadêmica. A unidade narrativa do texto proporcionava, assim, aos seus leitores um relato ininterrupto da expedição que La Condamine empreendera por toda a extensão do continente sul-americano, das alturas andinas na América espanhola às terras baixas da Amazônia portuguesa, e assim por diante até o Atlântico (Safier, 2009, p. 92).

Essa ardilosa tendência, que ilude o leitor, nos remete o quanto mascarado foi a descoberta da Amazônia, deixando transparecer o ócio do indígena, não respeitando suas

características e o modo de vivenciar o seu espaço na totalidade. Para La Condamine “o homem americano continua na infância do mundo, *abandonando à natureza, privado de educação e sociedade, pouco difere das bestas*” (Gondim, 1994, p. 112). O desapego do indígena a riqueza desagradou o homem branco que vê no autóctone um ser sem culturas e conhecimento.

Já o conjunto da obra de Verne vai mais além, abordando em seu romance intitulado *A jangada* publicado em 1881, reunindo relatos de cronistas anteriores, este “oferece vários tipos de informações. Cada traço que compõe as personagens foi cuidadosamente escolhido como recurso narrativo para explicar a história do Brasil” (Gondim, 1994, p. 141). Em suma, sua abordagem ancora quem vive e quem morre diante desta guerra desenfreada pela posse do que não é seu.

Para Conan Doyle em *O mundo perdido* a historicidade do seu romance tem como ênfase descrever a dualidade da Amazônia, ou seja, paraíso ou inferno, beleza ou feiura, integrando-se ao tempo pretérito como referência para as perguntas e questionamentos dos europeus, para a autora sua legalidade estar em aceitar que “não se trata mais de aceitar ou refutar o antimundo, trata-se de reviver ali a vida nos primórdios da humanidade.” (Gondim, 1994, p. 197). Este lugar aonde se revive simboliza a iniciação de poderio a outros viajantes, o Outro sendo representado pelos homens-macacos caracteriza outros povos e nações, cuja habilidade na visão europeia que não se adequar a sua imposição social será aprisionado e escravizado.

Na visibilidade do artigo de Pinto e Silva (2016, p. 167),

A ideia central da obra se baseia em dois conceitos que dominaram naquele momento a visão sobre a Amazônia, que é justamente a visão do exótico e do progresso. A obra *A invenção da Amazônia* é atual e imprescindível para que se tenha conhecimento sobre a região, pois retrata com rigor teórico primordial o grande motivador dos aventureiros, cronistas, naturalistas e romancistas.

Esta Amazônia descrita pelos europeus ainda é vívida na sociedade atual com a falsa idealização de pulmão do mundo, escurece a visão real que é apropriação do que não é seu, desde as primeiras embarcações que aqui aportaram dando ênfase ao moderno, esse que é culto, inteligente e vestido, mas que sangra, destrói, mutila e aprisiona a nudez do outro. Nudez essa que amparou e ajudou o europeu a adentrar os campos mais obscuros da densa

Mata Amazônica, dando ao branco a oportunidade de sobrevivência, em troca sua descrição a dita como bestial, esquecendo-se de dar-lhe o direito que é de posse, suas terras, sua família e sua vida, o levando a uma morte cultural aonde seu apagamento é instaurado aos poucos, sem dar chances ao outro, inviabilizando o sujeito de dentro para fora.

Posterior a visibilidade do europeu quanto a Amazônia daremos evidência a visão do autor Dalcídio Jurandir; em suma, suas narrativas se diferenciam de outros romances, pela condução com que suas palavras vislumbram o cenário amazônico, dando ênfase na historicidade simples e urbana que discorrem seus textos ficcionais. Em *Três casas e um rio* a história da família tendo como personagens principais o menino Alfredo, seu pai, o Major Alberto e a mãe, dona Amélia. Contextualizada na Cachoeira, uma pequena vila do interior do extremo norte, no estado do Pará, local onde a natureza, como em tudo da região, está muito presente na vida dos personagens, uma cidade em meio a floresta e constituída de elementos que compõem o cenário romanesco, nesse caso, o espaço é que configura sua especificidade.

Mariinha esmigalhava flores de morurê e espremia a ponta do vestido branco de florinhas amarelas, que havia molhado. Alfredo, de blusa aberta, teimava divisar o clarão de Belém. Rosto suado, luzindo de luar, olhos pequeninos, Danilo sondava o horizonte, o céu, a água, num ar de quem advinha. A montaria avançava sobre a lua, agora solta e alva como uma garça. (Jurandir, 2018, p. 16).

Além disso, a obra apresenta um enredo que aborda temas como a relação entre pais e filhos, a busca pela identidade e a importância das raízes familiares. Através da narrativa, o autor nos transporta para um universo singular, onde a simplicidade do cotidiano se mistura com as emoções mais profundas dos personagens.

Algumas obras nortistas compõem o espaço Amazônico, percebemos em seu contexto a naturalidade em que homem e a natureza se contrapõem, citamos como exemplo a obra *Beiradão* (1958) de Álvaro de Maia, romance inspirado em relatos reais ressalta a trajetória de seringalistas e seringueiros, entre outros temas, a história do jovem Fábio Moura, ex-seminarista na cidade de Crato, no estado do Ceará, que vem para o Amazonas juntamente com outros nordestinos banidos pela seca.

Todos trazem consigo o desejo de ganhar dinheiro com a extração da borracha e assim poder retornar para sua cidade natal, mas apesar de todo sofrimento e angústia passado nos

seringais, Fábio decidiu permanecer e criar raiz nestas terras aprendendo amar e respeitar seu novo habitat gradacional.

Maia (1958) retrata a Amazônia em expansão entre os dois ciclos da borracha, destacando a bravura dos muitos seringueiros que adentravam as colocações e centros de borracha. Sua descrição desse espaço supõe que “A Amazônia, ilusória e misteriosa, entreabriu os boqueirões aos trabalhadores. Centenas morriam, milhares se salvavam, carregando o Brasil nos ombros magros. (Maia, 1958, p. 24), nesse aspecto o autor caracteriza a Amazônia como espaço em que a cidade é extinta ou narrada apenas aonde a trajetória do ciclo da borracha era conduzido.

Já para o regionalista Hatoum que desmitifica o conceito da visão tradicionalista da Amazônia, diferenciando-se de outros autores, não compartilhando de uma natureza rebuscada, cercada de animais ferozes, enfadonha é afastado do seu contexto ficcional, ao invés dessa dicotomia ele se apropria de uma cidade metropolitana, de uma Amazonas que começa e se desenvolver, no auge dos anos 60. Para os autores Queiros e Mendes,

O autor não nega as imbricações cidade/floresta, apenas observa a região e sua gente sem os antolhos da hostilidade, analisando as multiplicidades e os entrecruzamentos culturais, os conflitos internos, as buscas de identidades e as transformações por quais passam suas personagens e a própria cidade de Manaus (2017, p. 5).

Nessa arquitetura de palavras, Dalcídio Jurandir utiliza-se em demonstrar a cidade, a percepção com que cada personagem se relaciona com os espaços. O autor descreve o espaço com riqueza de detalhes, fala das enchentes, plantas, animais, crenças e tudo que envolve o ambiente que cerca os personagens.

Essa Amazônia de Dalcídio nos dá visibilidade de cidade de Belém e como se dá início a sua trajetória como grandes centros urbanos. Através da narrativa do autor somos transportados para a Amazônia dos anos 40 e 50, onde a urbanização ainda era incipiente e a natureza exuberante predominava. É possível perceber como as transformações sociais e econômicas foram moldando o cenário urbano da região ao longo do tempo.

[...] O menino voltou, escutando o riso da mãe e isso lhe doeu vivamente. Sentiu que deveria gritar lá da saleta. “Vocês não se incomodam comigo,

não querem que eu estude, não me mandam para Belém, pois eu fujo, me meto num barco...” (JURANDIR, 2018, p. 32).

A cidade de Belém possui características de uma vida diferente, é descrita como um lugar pitoresco e cheio de vida. O rio que corta a cidade é o famoso Rio Guamá, que oferece belas paisagens e é importante para a economia local, utilizado para transporte de mercadorias e pesca. Além disso, as três casas mencionadas no livro são emblemáticas e representam a história e cultura da região amazônica. Dalcídio se apropria da miscigenação e interculturalidade entre povos distintos, os indígenas que nasceram ali e conheciam sua região, as pessoas oriundas de outras localidades do Brasil e os imigrantes de diferentes continentes que se compactuam em um mesmo espaço geográfico, deixando transparecer a eloquência da cidade/floresta respeitando a historicidade de cada ambiente. Dessa forma descortinando o ambiente hostil, tendo como oposição a exemplo a obra de Castro, denominada de *A Selva*. Aonde o autor pouco relata o homem e quando o descreve reflete sua incapacidade de pensar a natureza “[...] a selva impunha o retrocesso dos civilizados, como se estivesse empenhada em reincorporá-los na selvageria de onde se tinham evadido?” (Castro, 1991, p. 177), esse espaço amazônico é rebuscado de incitações que descrevem o Outro como colonizado, ainda maior que este conceito está o de que ele não se diferencia de um animal selvagem.

Em *Três casa e um rio*, o autor reconstrói a análise do novo e do velho, descrevendo os conflitos vividos pelos personagens e pela cidade de Belém, representando em seu contexto que nenhum se sobrepõe ao outro, ambos compactuam da modernidade em que se eleva a cidade.

O livro apresenta uma narrativa envolvente e emocionante, que retrata de forma realista a vida na Amazônia. Além disso, o autor utiliza uma linguagem poética e simbólica para explorar temas como identidade, memória e transformação. De acordo com Queiros e Mendes (2017, p. 17),

Durante muito tempo prevaleceu nos discursos literários um constante apagamento e/ou estranhamento de alguns fatos históricos, caso da Ditadura, assim como permaneceu um apagamento das populações amazônicas (caboclos, indígenas) e um enfoque restrito aos aspectos ecológicos. E sabe-se que a manutenção desse desaparecimento impede a visibilidade e a

compreensão das trocas culturais existentes na região. Por isso, a necessidade de reconstruir e reinterpretar narrativas e representações, corrigindo o apagamento dos povos e observando as diversidades culturais e sociais existentes no norte do Brasil.

À luz da exposição, destacamos a importância do esforço do autor Dalcídio Jurandir em descrever eventos históricos e sociais significativos ocorridos na região norte, com uma perspectiva interna, isto é, aderente à noção dominante de uma realidade irreal e a Amazônia ilusória – predominantemente dominadora.

A obra de Dalcídio Jurandir é uma contribuição significativa para a valorização da cultura e história da região norte do Brasil, que muitas vezes é negligenciada em detrimento de outras regiões mais desenvolvidas. Seus escritos revisitam a realidade vivida pelos habitantes locais, suas lutas, desafios e conquistas, permitindo uma compreensão mais profunda e autêntica.

Considerações Finais

Dalcídio Jurandir, renomado escritor brasileiro, é considerado um dos maiores representantes da literatura amazônica. Seu livro *Três Casas e Um Rio*, de 1958, conta a história de uma família que vive no rio Guamá, destacando suas lutas em um ambiente adverso.

O artigo contribui para o estudo dos romances de Dalcídio Jurandir sendo um escritor que retrata a Amazônia encantada e, com isso, seduz a nativa que por aqui chega. A análise realizada visava mostrar que a relação entre o homem e o meio ambiente é estabelecida pelas suas origens. Observa-se que essa relação existe no romance *Três Casas e um Rio*, que mantém um sentimento de intimidação em relação à natureza desde as primeiras páginas do romance até sua conclusão.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CASTRO, Ferreira. **A Selva**. 38ª ed. Lisboa: Guimarães Editores. 1991.

DUSSEL, Enrique. **1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

JURANDIR, Dalcídio. **Três casas e um rio**. 4ª ed. Bragança: Pará.grafo Editora, 2018.

MAIA, Álvaro. **Beiradão**. Rio de Janeiro: Borsoi, 1958.

MAFRA, Sandoval da Silva. A Visão Amazônica do Pe. Cristóbal De Acuña: da Viagem À Invenção da Amazônia. **Língua e Literatura**. n.30. p. 217-234. 2010-2012.

PINTO, Ernesto Renan Melo de Freitas, SILVA, Francisco Eleud Gomes da. NEIDE, Gondim. **A invenção da Amazônia**, 2º edição, Manaus: Editora Valer, 340 p., 2007. (Série: Memórias da Amazônia). Revista Eletrônica Mutações, janeiro –junho, 2016.

QUEIROS, Francisco Aquinei Timóteo; MENDES, Francielle Maria Modesto. A Amazônia Brasileira em Milton Hatoum: Uma Leitura de Relato de um Certo Oriente e Dois Irmãos. **Muiraquitã**, UFAC, ISSN 2525-5924, v. 5, n. 1, 2017.

SAFIER, Neil. **Como era ardiloso o meu francês**: Charles-Marie de la Condamine e a Amazônia das Luzes. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 29, nº 57, p. 91-114 – 2009

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**. Manaus: Valer, 2009.